

As Regionalidades do Design.

O termo *regionalidade* é utilizado neste texto para qualificar as ações que resultam do esforço conjunto de todas as áreas produtivas que visam destacar, desenvolver e difundir as habilidades e características de uma região, procurando torná-la um centro de referência.

Essas ações necessitam de pesquisas qualitativas, de novas tecnologias adaptadas às suas realidades, de matérias primas alternativas e de metodologias apropriadas aos processos de produção, que dinamizem as atividades e habilitações locais, sem alterá-las em sua essência. Dessa forma, o **designer** que estiver comprometido com a cultura regional e com esses processos produtivos terá um papel importante no seu desenvolvimento, pois, além da formação acadêmica e do conhecimento técnico, conseguirá fazer com que suas contribuições sejam mais facilmente compreendidas por todos os envolvidos.

Por outro lado, o desenvolvimento pode ser entendido como um processo de potencialização das oportunidades e características existentes em cada território. Em face das diferenças geográficas, econômicas, sociais e culturais existentes, em especial aquelas referentes à atividade do **Design**, percebe-se uma participação considerável de profissionais comprometidos com suas regiões, não só contribuindo, efetivamente, na formulação de políticas que visem destacar e valorizar a produção e os produtos, como também contemplando, em seus projetos, as influências culturais e especificidades da região onde estão inseridos.

Motivado pela necessidade de discutir questões relativas ao desenvolvimento descentralizado e a identidade da produção regional, foi criado, em novembro de 1996, o **Programa Brasileiro de Design – PBD**. A iniciativa envolveu alguns conjuntos de autoridades governamentais, empresários, representantes dos segmentos da sociedade civil, instituições acadêmicas, profissionais de **Design** e outras áreas afins e teve como objetivo qualificar a exportação nacional, mais propriamente, o produto brasileiro, visando torná-lo mais competitivo. Como consequência, sua criação suscitou o surgimento, em quase todo o país, de **Programas Estaduais de Design**.

Dentro dessa perspectiva, os programas foram catalisadores de conversas e de ações e promoveram discussões em diversos níveis. Essa atividade, além de ter possibilitado a identificação de um contingente de profissionais disposto a “arregaçar as mangas”, de forma até ousada e contundente, sensibilizou as autoridades e a cadeia produtiva brasileira, no sentido de perceber a atividade de **Design** como economicamente necessária e estrategicamente indispensável.

Mesmo tendo consciência de que, do ponto de vista dos resultados consolidados pelas entidades envolvidas, as ações empreendidas pelo programa nacional e seus similares estaduais tenham sido modestas, pode-se constatar que desencadearam o início de um movimento descentralizador, dos diferentes participantes da cadeia produtiva nacional, cuja essência se expressa no reforço das características e habilidades específicas e na manifestação da cultura de cada local, contrapondo-se, mesmo que timidamente, ao traço histórico de conservadorismo manifesto na ênfase até então posta somente na ampliação e no fortalecimento dos centros mais desenvolvidos.

Hoje, mesmo com enormes distorções e simplificações, o **Design** é uma atividade reconhecida como fundamental para quem procura qualificar seus produtos e torná-los mais competitivos, independente da região onde estejam sendo produzidos.

Como exemplos, podemos destacar algumas iniciativas:

- o crescimento, o reforço em qualidade e o investimento em **Design** do pólo moveleiros gaúcho, revelados não só em eventos como a Feira Movelsul, mas também no aumento significativo de suas exportações, com resultados expressivos para a economia da região e do País;

- a qualidade e os aspectos nitidamente regionais percebidos na produção moveleira mineira, que propiciou a organização dos profissionais de **Design** daquela região com o objetivo de assessorar e aprimorar o produto local;

- a criativa e diversificada produção da indústria e dos **designers** de mobiliário paulistas, que, em função de seu arrojo e expressão formal, apresentam uma nítida característica urbana e cosmopolita com aceitação internacional;

- as características culturais, os materiais e as habilidades técnicas que impregnam a pequena e crescente produção moveleira pernambucana, que, por sua originalidade e qualidade, sensibilizou os europeus, na última Feira de Milão.

- também em Pernambuco, na região do Agreste, a efetiva participação do **Design** no fortalecimento do setor de confecção, que leva em conta as habilidades e a tradição do segmento, nas cidades de Caruaru, Toritama e Santa Cruz do Capibaribe, comprovam o citado movimento descentralizador.

Pretende-se estabelecer uma ação focada na solução dos problemas dos diferentes arranjos produtivos e já está definida a implantação de pelo menos um Núcleo de **Design**, coordenado pela Rede Pernambucana de **Design**, visando atender as demandas do pólo de confecção de Caruarú.

Poderia, ainda, estender-me citando outras ações nas quais as questões relativas a *regionalidade* estão claramente presentes. Penso, no entanto, que é necessário consignar, a importância do envolvimento de instituições, como a CNI – Confederação Nacional da Indústria, preocupada com a identificação da demanda de **Design** em todo o país; o SEBRAE, que vem discutindo as nossas características mais identificadoras e “exportáveis” no Projeto Cara Brasileira e a inclusão do **Design** na assessoria a micro e pequenas empresas; e, mais recentemente, as **Redes Estaduais de Design**, instaladas em vários estados do País, com seus centros e núcleos voltados para o apoio dos arranjos produtivos de cada uma das regiões.

Penso que o importante nessa abordagem sobre a *regionalidade* é compreender que vivenciamos um inevitável movimento descentralizador, onde múltiplos e pulverizados centros menores nos apresentam suas criações, com características e habilidades específicas, desenvolvidas com o apoio dos **designers** locais e que essas contribuições não são melhores, nem piores, do que aquelas de regiões mais desenvolvidas. São apenas diferentes. Não é possível deixar de perceber a existência de uma efervescente, importante, criativa e inovadora prática em desenvolvimento nas supostas “periferias produtivas” menos dotadas.

Considero que, entre todos os envolvidos, o **designer** é um dos melhores atores dessa transformação e tradutor de cada uma das qualidades e da cultura de cada uma de nossas regiões. O País possui um incrível e fantástico exército de obstinados que, mesmo muitas vezes isolados em seus redutos e limitados em suas ações, procuram, de forma competente, fazer com que a atividade profissional seja reconhecida e respeitada.

É fundamental que não se analise a questão da *regionalidade* por um viés regionalista obtuso e corporativo e se perca a possibilidade de vivenciar o rico e frenético surgimento de novos personagens neste cenário onde o **Design** se consolida com suas contribuições e competências.

Paulo Oliva

Arquiteto e Designer. Diretor da OLIVA Design paulo@olivadesign.com.br